

A PERTENÇA DO ALUNO À COMUNIDADE LINGUÍSTICA DA SALA DE AULA: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DAS RELAÇÕES INTERLOCUTIVAS EM UMA TURMA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Arthur Marques de Oliveira (Graduando em Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil)

Silvana Silva (Doutora em Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil)

RESUMO: A proposta deste artigo é estudar um conjunto de textos de Émile Benveniste tomando-os como base para formular uma perspectiva própria de análise da linguagem, considerando a relação entre pertença social e relações interpessoais entre os sujeitos da comunidade linguística estudada. Mostrar-se-á também sob a ótica da Teoria da Enunciação, como o uso da língua está atrelado às relações interlocutivas que ocorrem em sala de aula. Visando esses objetivos, emprega-se uma metodologia focada na análise de aulas gravadas na disciplina de Língua Portuguesa C para o Curso Superior de Ciências Contábeis da UFRGS durante o primeiro semestre de 2016. Posteriormente, apresenta-se uma classificação elaborada acerca dos diferentes níveis de inclusão/exclusão levando em consideração a noção de indicadores de subjetividade e pertença social. Nossa leitura aponta que a proposta didática favorece a exclusão de alguns casos e não propicia a interpessoalidade na relação comunidade linguística e estudante.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Émile Benveniste; Pertença Social; Comunidade Linguística.

ABSTRACT: The aim of this article is to study set texts by Émile Benveniste, to take them as background for formulation a proper perspective of language analysis and show from the approach of Theory of Enunciation, how the use of language is linked to the interlocutive relationships that occur in classroom. Therefore, a methodology focusing on the analysis of class recording in the discipline of Portuguese Language C for Higher Course of Accounting Sciences of UFRGS, searching identify with which students the process of inclusion and exclusion happens. Consequently, a classification formulated about different levels of inclusion/exclusion is presented considering the notion of indicators of subjectivity and social belonging. Our study indicates that the didactic proposal used in the class collaborate for exclusion of some cases and does not provides the interpersonal aspect in the relation between language community and student.

KEYWORDS: Enunciation; Émile Benveniste; Social Belonging; Linguistic Community.

CONTEXTUALIZANDO AS NOÇÕES DE “SOCIEDADE”, “COMUNIDADE” E “PERTENÇA SOCIAL” EM BENVENISTE

Na área do discurso, de maneira geral, não existem muitos estudos publicados que

interliguem as noções e conceitos de pertença social, sujeito e discurso. Há apenas trabalhos¹ que tangenciam a questão da pertença social: autores como Bourdieu (1977) usam outras noções como ‘identidade’, ‘hábitos sociais’ e ‘comunidade de pertença’ sempre buscando um viés sociológico. Nesse cenário, um dos grandes propulsores deste trabalho foi a leitura do texto “Sugestões de temas para debate” de Flores (2013), que mostra aos leitores que não existem muitos estudos sobre a relação entre língua, indivíduo e sociedade na perspectiva enunciativa:

Tema um tanto polêmico é a presença de uma visão de sociedade na teoria de Benveniste [...] O ponto de partida para desenvolver o tema da sociedade em Benveniste é, sem dúvida, o texto *Estrutura da língua estrutura da sociedade*, de 1968. Nele, Benveniste examina as relações ente língua e sociedade à luz da teoria enunciativa dos pronomes. Mas é possível surpreender o tópico em outros artigos também. [...] Não há dúvidas aqui: Benveniste não opõe indivíduo e sociedade. Pelo contrário, é na dialética que os engloba que se pode achar o fundamento linguístico da subjetividade. (FLORES, 2013, p. 120).

Assim, desenvolvemos no presente artigo, a (re)significação dos conceitos de “Pertença Social”, “Sociedade” e “Comunidade”, conceitos-chave sob a visão de Émile Benveniste na/da teoria da enunciação, a partir da análise dos textos “Dois modelos linguísticos da cidade”, “Cidades, comunidades”, “Os quatro círculos da pertença social” (todos do Vocabulário I), “A natureza dos Pronomes” e “A forma e o sentido da linguagem” (ambos do PLG I), para observar qual a relação entre “comunidade”, “sociedade”, “fala” e “lugar do eu” na Teoria da Enunciação e observar como tais conceitos embasam as relações de sentidos entre os sujeitos. A (re)significação passa por um breve comentário sobre noções de ‘comunidade’ e ‘sociedade’ para a Sociolinguística e, em seguida, sua conceituação na perspectiva de Émile Benveniste.

¹ Analisamos 100 artigos presentes nos periódicos da Capes, dos quais observamos: a) áreas do conhecimento e b) conceitos correlatos. Saúde Pública: 14; Psicologia: 59; Ciências Sociais: 10; Línguas e Literatura: 6; Administração: 3; Ciências Políticas: 4; Educação: 4. Os conceitos correlatos encontrados que fazem algum tipo de inferência à “pertença social” foram, conforme cada área: Saúde pública: “identidade social e o sentimento de pertença em agentes da saúde”; Psicologia: “sofrimento social”; Ciências Sociais: “espaços de pertença e construções sociais”; Línguas e Literatura: “gênero e categorias de pertença na sociedade”; Administração: “representações e categorias de pertença no mercado de trabalho”; Ciências Políticas: Educação: “pertencimento à realidade social do estudante”. Tendo como base os números apresentados e a contextualização dos conceitos no que se refere à pertença social, é possível aferir que não há trabalhos que interliguem a Teoria da Enunciação com o conceito de pertença social ou mesmo muitos trabalhos da área da Linguística sobre esse tema.

O objetivo geral do presente artigo é propor uma conceituação enunciativa para a noção de ‘pertença social’ bem como apresentar uma análise das relações interlocutivas em aula de língua portuguesa em contexto de ensino superior².

MARCOS TEÓRICOS: A NOÇÃO DE COMUNIDADE E SOCIEDADE EM DIFERENTES PERSPECTIVAS

A principal contribuição que William Labov trouxe para a Sociolinguística foi o desenvolvimento de um método de análise estatístico que permitiu o estudo científico de fatos linguísticos excluídos até então do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e consequente dificuldade de quantificação. Dessa forma, a Sociolinguística Laboviana (também chamada de Teoria da Variação e Mudança ou de Sociolinguística Quantitativa) tem como escopo o estudo da estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, que compreende as subáreas da Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (LABOV [1972] 2008, p. 184). A metodologia da pesquisa Sociolinguística proposta por Labov estrutura-se na análise de grupos sociais constituídos de indivíduos em função de traços identitários e índices de pertencimento como costumes, crenças, aparências e a língua (COAN; FREITAG, 2010). Conforme corrobora Labov na seguinte citação: “o objetivo da pesquisa lingüística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008, p. 244). Desse modo, para Labov não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado.

A partir de conceitos elaborados por Ferdinand Saussure acerca da Linguística, Émile Benveniste foi um dos estudiosos que ultrapassou os limites da linguística da língua. Criando a teoria e o conceito de Enunciação, o autor desenvolve essa teoria linguística que englobando as dimensões do sujeito e do discurso. Por ser o introdutor da noção de enunciação na Linguística de seu tempo, Benveniste aponta principalmente o fato de que não pode existir a separação entre homem e natureza, na medida em que não há um homem anterior ou exterior à natureza. Na esteira

² O projeto de pesquisa ao qual este trabalho está vinculado recebeu autorização do Comitê de Ética da Universidade e está registrado na Plataforma Brasil (n. 51409415.8.0000.5347).

dessas ideias, Benveniste (2005, p. 285) defende que:

[...]falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou [...] não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a.

Labov considerava ser a língua um fato social, exterior ao indivíduo e existente na comunidade de fala. Evidenciam-se aqui as relações das conceituações de Labov com as dos linguistas que o precederam, principalmente com as de Saussure e as de Meillet (Labov, 2008, p. 218). Nessa perspectiva, a língua é analisada como algo exterior ao indivíduo, fazendo assim, com que apenas os falantes possam fornecer dados para a descrição da comunidade. Tratando a língua em seu caráter de exterioridade ao indivíduo, Labov mostra que a noção de indivíduo se opõe a comunidade de fato. Assim, para o autor a comunidade de fala é estratificada em classes sociais formadas por um grupo que compartilha valores normativos sobre a língua, mostrando assim, que a língua se apresenta como uma forma de inclusão/exclusão e classificação social. Labov em sua pesquisa explora a distinção entre indivíduo (falante) e comunidade de fala, enquanto Benveniste acentua e discute essa distinção. Desse modo, o método estatístico usado na sociolinguística laboviana compreende explicações de fenômenos e cenários sociais em nível macro analítico. Entretanto, é importante atentar para a seguinte crítica:

O grande problema com a noção de comunidade de fala de Labov, é que ela traz consigo a ideia implícita do falante ideal, um ser que, como se pode inferir, emerge no processo das análises estatísticas. (MARRA; MILANI, 2014, p. 67).

Dessa forma, podemos dizer que a Sociolinguística não estuda “o falante”, mas uma “média estatística” que generaliza os indivíduos. A abordagem enunciativa, por sua vez, engloba como principal característica a noção de intersubjetividade e de subjetividade para o falante e sua relação com os demais: é o sujeito que se marca na língua e a enunciação é um evento irrepetível disponível para os integrantes de uma comunidade linguística. Vejamos: “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como *eu*.” (Benveniste, 2005, p. 288).

3. SIGNIFICANDO A NOÇÃO DE “PERTENÇA SOCIAL” EM BENVENISTE

Émile Benveniste desenvolve ao longo do capítulo XX “Dois modelos linguísticos da cidade” do livro *Problemas de Linguística Geral II* um questionamento acerca da visão limitada de que a língua seria um espelho da sociedade. Assim, para Benveniste acreditar que a língua reflete a sociedade é pressupor que a sociedade se constitui anteriormente à língua. Entretanto, para o autor, língua e sociedade não se concebem uma sem a outra e a relação supracitada é uma falácia. “Tal relação (de que a língua reflete a sociedade) é “falsamente concreta” e só produz “ilusões ou confusões”” (BENVENISTE, 2005, p. 278). Nesse âmbito, o linguista critica essa visão mostrando que tais comparações podem ocorrer apenas em níveis parciais, corroborando o fato de que o léxico não abarca as diversas formas da língua e sua relação com a sociedade. Conforme a seguinte citação: “Acreditar que a língua reflete a sociedade implica acreditar que a sociedade se constitui anteriormente à língua; no entanto, conforme busquei apresentar anteriormente, língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (BENVENISTE, 2005, p. 31).

Na visão de Benveniste, não cabe ao linguista fazer tal “inventário lexicológico da cultura” (BENVENISTE, 2005, p. 278) esse comportamento, está associado à visão tradicional (e falaciosa) citada anteriormente (língua como espelho da sociedade). A análise proposta por ele na sequência do texto considera outra comparação, que ocorre a partir da língua. Em sua obra, Benveniste analisa a expressão lexical *cité* (cidade), primeiramente em sua estrutura formal e, em seguida, em seu movimento diacrônico conceitual, investigando a relação entre o termo de base e os termos derivados na língua latina e na língua grega. À vista disso, o autor propõe uma análise ligada à própria estrutura da língua, em que observa a “relação intralinguística” e não “sociolinguística” a partir da “substância de um dado lexical” (BENVENISTE, 2005, p. 278-279).

Em vista disso, é a partir da relação semiológica entre língua e sociedade que se pode fundar uma ciência baseada em aspectos culturais sendo que é nessa relação que Benveniste toma a língua como um meio de análise da sociedade. Desse modo, a relação é de interpretante e interpretado; conseqüentemente, a língua é interpretante da sociedade, assim como a língua contém a sociedade. Portanto, é possível afirmar que a língua possui dois modos de significar, semiótico e o semântico tornando-se assim, um instrumento próprio para descrever, conceitualizar e interpretar tanto a natureza quanto a experiência que compõem aquilo que se chama sociedade.

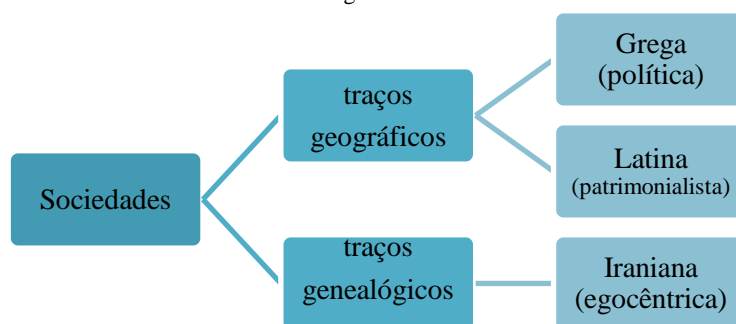
Nesse contexto, é necessário entender como Benveniste aborda e entende o termo sociedade em seus escritos. Para isso, recorreremos ao texto “Os quatro círculos da Pertença Social”. O autor

inicia o texto afirmando que a organização tripartite das palavras “clã”, “família” e “tribo” estabelece classes funcionais dentro da sociedade, provendo assim uma organização político-social.

Benveniste mostra como a sociedade iraniana está organizada e a influência que essa divisão possui no espaço que o sujeito ocupa nessa mesma sociedade. “É no antigo Irã que tal estrutura se faz mais evidente. Ela comporta quatro círculos concêntricos, quatro divisões sociais que, partindo da menor unidade, vão se alargando até englobar o conjunto da comunidade. (*dmāna-paiti, vis-paiti, zantu-paiti, dahyu-paiti*)” (BENVENISTE, 1995, p. 305-306).

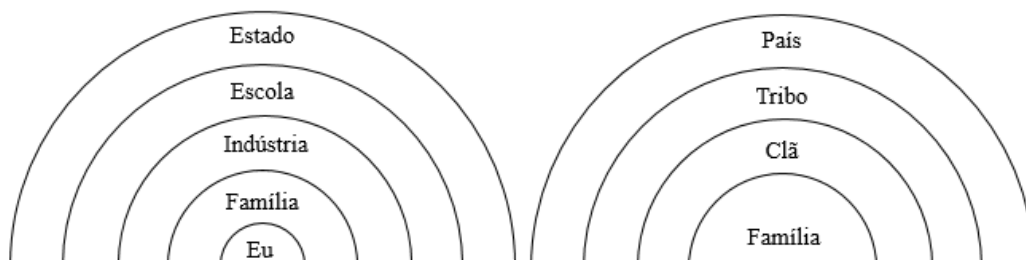
Dessa forma, Benveniste também usa como exemplo outras estruturas e sociedades, como a grega e a latina. O autor compara os termos iranianos clã, tribo, família e país (*dmāna-paiti, vis-paiti, zantu-paiti, dahyu-paiti*) e conclui que esses termos possuem o mesmo significado. Já os termos europeus para clã, tribo, família e país designam estruturas completamente diferentes como no caso da sociedade grega, que se estrutura em unidades. Isso mostra que comparando o léxico das línguas pela derivação morfológica, há significados diversos para os mesmos termos que se constituem em diferentes línguas. Com isso, é possível afirmar que a sociedade grega é baseada em traços de hereditariedade e também mais politizada: nessa estrutura, cada indivíduo ocupa uma função social e um espaço de ação. Abaixo um esquema elaborado pelos autores que representa como as sociedades eram divididas.

Figura 1 - Divisões sociais.



Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Figura 2 – Quatro círculos da pertença social. Sociedade Grega e Latina x Sociedade Iraniana



Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Benveniste ressaltava algumas diferenças da sociedade latina em relação às outras como por exemplo, o fato dela ser mais patrimonialista e estar ligada à uma noção social relacionada com poses e construções. Vejamos: “o latim teria transformado em noção social uma significação material herdada” (p. 301). Essas características voltadas para a questão material e de posses/poder, estabelece uma ligação de não dependência entre e dos indivíduos para com a sociedade.

Desse modo, o autor deixa claro no texto que por mais que as estruturas sociais tenham se modificado ao longo do tempo, algumas características se mantiveram. A primeira característica está relacionada a questões econômicas e faz referência a fragmentação de uma grande família em diferentes famílias, promovendo assim, propriedades e características singulares. A segunda característica consiste em divisões sociais que antes eram determinadas por traços genealógicos e que passaram a se organizar conforme um agrupamento comum territorial. Apesar disso, a estrutura social contemporânea é diferente: ao invés de ser baseada em traços genealógicos é baseada em traços geográficos, levando em consideração o fato de que as sociedades cada vez mais se dividem por motivos econômicos, políticos e territoriais. Dessa maneira, a sociedade continua subdividindo-se em unidades, conforme observa-se na seguinte citação: “O que existe de início é a sociedade, essa totalidade, e não a família, depois o clã e depois a cidade. A sociedade, desde a origem, está dividida em unidades que se englobam. As famílias estão necessariamente unidas no interior de uma unidade maior, e assim por diante.”. (BENVENISTE, 1995, p. 305-306).

A CENA ENUNCIATIVA: INDICADORES DE SUBJETIVIDADE PRESENTES NAS RELAÇÕES INTERLOCUTIVAS

Benveniste constrói em seu texto “A natureza dos pronomes” um estudo minucioso sobre a categoria dos pronomes e explicita que ela é a primeira a representar a subjetividade do indivíduo

na linguagem. Nesse mesmo texto, Benveniste aponta que a categoria dos pronomes não deve ser vista como uma classe de palavras unitária, conforme corrobora a seguinte citação: “as instâncias de emprego do “eu” não constituem uma classe de referência, uma vez que não há “objeto” definível como “eu” ao qual se possa remeter identicamente essas instâncias. Cada “eu” tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único proposto como tal” (BENVENISTE, 2005, p. 278). Formando assim, uma dupla instância do “eu” como referente e como referido. Nessa ótica, o emprego do “eu” não constitui uma classe de referência, pois não há um único ou específico objeto. Cada “eu” tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único. Sendo assim, os pronomes devem ser entendidos também como fatos de linguagem, pertencentes à mensagem (fala), às categorias do discurso e não apenas como pertencentes ao código (língua), às categorias da língua, como considerava Saussure.

Imerso nesse cenário, o autor trata os pronomes como fatos de linguagem, expondo essa classe, e todas suas subclasses como os demonstrativos, indefinidos, possessivos, pessoais etc. ao domínio da enunciação e aos elementos linguístico-discursivos que nela estão implicados. Dessa forma, o movimento dos pronomes no ato da enunciação abrange relações entre instâncias de diferentes grandezas que, unidas, embasam a representação do sujeito na língua e além disso, indicam o caráter alteritário (se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização e identificação com o outro), intersubjetivo e discursivo das relações de pessoa.

Nesse viés, Benveniste inicia a discussão das noções de “forma e sentido” no texto “A forma e o sentido da linguagem”, da seguinte maneira: “a presente exposição é um esboço para situar e organizar estas noções gêmeas de sentido e forma, e para analisar suas funções fora de qualquer pressuposto filosófico.”. Nesse viés, forma e sentido são conceitos similares, pois o linguista separa dois planos no que se refere ao signo para diferenciar as duas noções: a análise fonêmica e análise semiótica. Conforme a seguinte citação de Silva (2012):

[...]no sistema semiótico, é suficiente dizer que a ‘forma’ do signo está sujeita à *análise de sua estrutura formal* e que o ‘sentido’ do signo é determinado por sua *existência* ou inexistência no uso feito ou ignorado pela comunidade falante. Considerando que ‘forma e sentido’ são noções gêmeas, Benveniste parece nos informar que uma análise da estrutura formal só vale a pena quando determinados signos são aceitos pela comunidade falante.

A interpretação mais aceita atualmente é a que considera os dêiticos como elementos cuja função básica é, antes de tudo, relacionar o enunciado à enunciação. Seguindo esse ponto de vista, a referência não desempenha nenhum papel na caracterização dos *indicadores de subjetividade*. Esses não descrevem por si próprios uma relação entre o enunciado e a enunciação, mas permitem que ela seja instaurada pelo sujeito que os enuncia. Estabelece-se com isso uma *correlação de subjetividade*, na medida em que o “tu” é a pessoa não-subjetiva que se define a partir do *eu*. Decorrendo naturalmente que o falante é sempre quem dirige todo o processo da enunciação.

Os indicadores de subjetividade, são formas que o “eu” usa para se vincular ao discurso e também são marcas da língua que surgem no/do enunciado e que estão por baixo do processo de enunciação, estão inseridos em um determinado tempo e espaço linguístico se fazendo assim, parte integrante do enunciado.

Tendo isso como base, e partindo das atribuições de valores proposta por Silva (2012) no que se refere as formas reais do discurso, é possível formular uma nova definição acerca dos conceitos de inclusão/exclusão social em sala de aula. A classificação elaborada se divide da seguinte forma: 1) *inclusão de valor direto*: quando todos os enunciados do professor evocam e estimulam interações do estudante para com a comunidade linguística; 2) *inclusão de valor indireto*: quando alguns enunciados do professor estimulam de forma parcial interações entre o estudante e a comunidade; 3) *exclusão de valor indireto*: quando o professor faz poucos enunciados, que fazem com que o estudante interaja de forma precária na comunidade linguística; 4) *exclusão de valor direto*: quando nenhum enunciado do professor convoca o estudante para participar da comunidade linguística.

Imerso nesse cenário, é possível deduzir que a melhor definição de sociedade para o contexto de sala de aula seria o conceito de *rede enunciativa*. A rede enunciativa é composta pelos seguintes elementos: i) indivíduos (professor e estudantes) são os atores que irão interagir dentro do espaço da enunciação (sala de aula) constituindo assim, uma cena enunciativa. ii) espaço da enunciação é o contexto de sala de aula que envolve a comunidade linguística. iii) cena enunciativa é quando as interações acontecem entre os indivíduos que irão originar os quatro níveis de inclusão e exclusão e iv) interações são os enunciados e o comportamento que os indivíduos adotam em sala de aula. Nesse contexto, o processo nesse espaço ocorre geralmente da seguinte forma: o professor

por ocupar uma posição diferente dos demais indivíduos, geralmente é quem irá dar início ao processo de enunciação “eu”. Em seguida, os estudantes e o professor em sua totalidade na rede enunciativa “ele”. Após isso, o estudante “tu” enquanto sujeito que deve assumir um papel não meramente passivo como “receptor” ou “participante” da cena enunciativa. O estudante enquanto indivíduo e sujeito da enunciação deve “conquistar” seu espaço dentro da comunidade linguística fazendo uso de relações interlocutivas com o professor e os demais participantes, para que então ele possa desenvolver em sua subjetividade o sentimento de pertença social enquanto integrante da rede enunciativa e, por conseguinte, do espaço da sala de aula.

Outro destaque feito por Benveniste em seus escritos é que os índices de pessoa, índices de ostensão e os tempos verbais são elementos que constituem os recursos linguísticos no processo de interlocução no espaço de sala de aula, possibilitando assim, a apropriação do discurso por aquele que, no momento, assume a posição de locutor (estudante/professor). São esses recursos linguísticos que indicam a construção de instâncias, cenas e espaços enunciativos. Tendo os esquemas apresentados acima e a (re)significação feita acerca dos conceitos de pertença social, rede enunciativa, sociedade e comunidade, foi possível o desenvolvimento da presente pesquisa primando a análise e discussão acerca das relações interlocutivas na comunidade linguística e no espaço de enunciação.

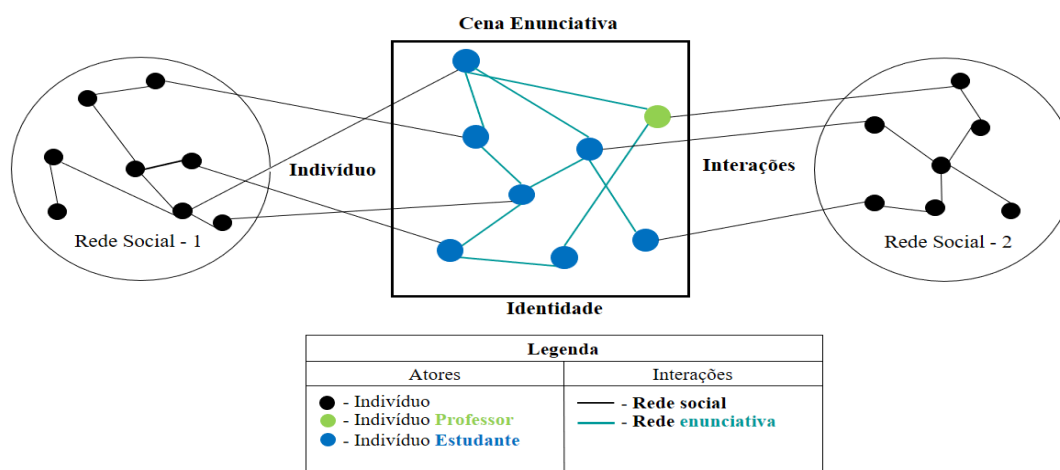
Os estudos de Benveniste no texto *Os quatro círculos da pertença social* nos direcionam para ideias que vão além do “eu” e do “tu”, abrangendo a questão da pertença social e da comunidade e sociedade. Dessa forma, para melhor discutir essas questões, recorreremos a outros autores, James e Lesley Milroy que também criticam Labov e abarcam a questão de indivíduos que circulam em mais de uma comunidade, trazendo elementos de uma para outra rede (rede social/enunciativa). Além disso, ao abordar o conceito de ‘rede’, Milroy e Milroy revelam uma crítica implícita à noção de ‘comunidade de fala’ em Labov, levando em consideração que muitos indivíduos não vivem e interagem na mesma comunidade. A diferença entre os respectivos modelos é que Labov baseia-se na comunidade de fala sempre em no consenso de indivíduos. Já Milroy e Milroy fundamentam seu modelo em uma comunidade de fala baseado no conflito de classes.

Os autores também fazem uso de um método de pesquisa mais flexível e menos comprometido com a generalização universal (proposta em Labov) e mais próximo ao cotidiano dos indivíduos, conforme a seguinte citação: “[...] o padrão conflitivo pode ser entendido, pelo

menos parcialmente, como sendo oriundo de conflitos entre ideologias baseadas no status e ideologias baseadas na solidariedade presentes na comunidade.”. (MILROY, 2004 p. 53). Nesse âmbito, elaboramos uma representação de como seria uma rede enunciativa, inspirada no modelo de *rede social* proposto por Milroy e Milroy (1985) com isso, a noção de rede nos permite pensar as diferentes configurações de sociedades modernas, abarcando assim, a noção de pertença social.

Dessa maneira, tendo em vista as relações e contradições da realidade social e a pluralidade de contextos sociais de uso da língua, buscamos analisar a prática social e o exercício da língua e propor uma ‘rede de enunciação’ sob a ótica da Teoria da Enunciação que melhor se encaixe na realidade atual das salas de aulas. Vejamos: “o homem é ainda e cada vez mais um objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele”. (BENVENISTE, 2005, p. 104). Além disso, estudar de forma macro e micro analíticos as relações interlocutivas de sala de aula que propiciariam amplo desenvolvimento da noção de pertença social entre os indivíduos, tendo como base, o conceito supracitado. O modelo abaixo é constituído pelos seguintes preceitos: Rede social - 1: rede social da qual o indivíduo faz parte; Rede social - 2: Rede social diferente da qual um outro indivíduo faz parte; Cena Enunciativa: espaço onde há interações com expressão de subjetividade e reconhecimento de pertença social entre diferentes estudantes/sujeitos; Interações: ações linguísticas que ocorrem entre os indivíduos de uma rede enunciativa; Indivíduo: sub caracteriza-se em indivíduo com o status de professor e indivíduo com o status de estudante. Identidade: características que tornam cada indivíduo único.

Figura 3 - Rede de Enunciação



Fonte: Elaborada pelos autores.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possui como escopo de metodologia a análise de aulas gravadas³ da disciplina de Língua Portuguesa C para o curso superior de Ciências Contábeis da UFRGS durante o primeiro semestre do ano de 2016. Também será feita análise documental do plano de ensino da disciplina, que possui como ementa: “Estudo do texto: leitura e produção. Os aspectos linguísticos, enunciativos e discursivos constitutivos do texto. O tipo dissertativo em diferentes gêneros técnicos e científicos.”. As análises serão baseadas nos últimos oito (8) encontros, pois é nesse período que ocorre o instrumento de avaliação da disciplina. Trata-se de um trabalho de exposição oral e arguição dos 40 alunos participantes, acerca do livro “Raízes do Brasil” do autor Sérgio Buarque de Holanda.

Nessa perspectiva, são analisadas cenas enunciativas (gravações em sala de aula). A metodologia aplicada possui como foco observar e identificar por meio de transcrições feitas das gravações supracitadas, quais ações linguísticas ocorridas dentro da cena enunciativa, indicam a inclusão de valor direto, inclusão de valor indireto, exclusão de valor direto e exclusão de valor indireto do estudante da comunidade linguística. A etapa da transcrição das gravações seguiu a seguinte abordagem:

1. Primeiramente, explicitamos as bases gerais que sustentam a produção de conhecimento em metodologia qualitativa interpretativa, 2. Geração de dados, 3. Segmentação e 4. Transcrição, abordamos três etapas do trabalho do pesquisador que lida com dados desse tipo, apresentando questões teórico-práticas inerentes a esses procedimentos analíticos. (GARCEZ; BULLA; LORDE, 2014, p. 258).

Seguindo essa abordagem, no passo 1 foram estudados e selecionados modelos para realizar a transcrição das gravações. Em seguida, a geração de dados foi feita pela divisão das gravações, levando em consideração quais delas poderiam ser usadas para os fins da pesquisa. Na etapa 3 foram selecionados trechos das gravações. Ao final, foi feito o trabalho de transcrição baseado nos padrões da etapa 1. Foram analisadas cenas enunciativas que seriam conforme explica Silva 2013

³ Os participantes assinaram um o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) que teve aceite do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS no ano de 2016.

“A cena, esse jogo de entre dizeres e recusas, é, de fato, o primeiro momento de nascimento efetivo do sujeito”. (SILVA, S. 2013, p.138). Prezando pelo distanciamento entre pesquisador e objeto de pesquisa, cabe ressaltar que o bolsista não participou da coleta das gravações para uma análise isonômica.

Análises enunciativas

A presente seção contém as transcrições de quatro (4) cenas enunciativas⁴ em que o professor comenta as apresentações orais dos alunos sobre o livro “Raízes do Brasil”. Após cada transcrição, há uma análise contendo três aspectos importantes para a presente pesquisa. São eles: indicadores de subjetividade em uso, formas da língua e seus usos no discurso dentro da cena enunciativa e como a questão da pertença social está sendo tratada em cada transcrição.

CENA 1

V1 – ANA - 00:08:00 – 00:20:00

((ruído))

Prof: Gostei dessa leitura do/da questão do impeachment em relação com o personalismo exagerado: ... ((ruído))

Perguntas pessoal?... É só um comentariozinho... Esse livro é muito legal.

ANÁLISE:

A cena enunciativa transcrita retrata o comentário do professor em relação aos estudantes e ao trabalho elaborado. Na primeira frase, é possível observar que o professor se reporta ao grupo como o índice de pessoa *tu*, a princípio a colocação do professor em relação ao trabalho seria positiva. Entretanto, na segunda frase o professor faz um questionamento para turma, passando a criar uma relação *eu/ele* e buscando um incentivo para corroborar ou sugestões para continuar sua

⁴ As quatro cenas analisadas acima, foram escolhidas, pois elas foram as que tiveram maior interação do professor; nas demais cenas, o professor não fez comentários, levando em consideração ao tempo previsto do plano de ensino para essa atividade. A análise teve enfoque nos casos apresentado, pois, além disso, alguns dos estudantes não trouxeram o termo de consentimento.

crítica.

Nesse contexto, em seguida ocorre uma ação linguística que parte do professor que se caracteriza como um movimento de reaproximação *eu/tu* e faz uso do diminutivo da palavra “comentário” para dar início ao término de sua crítica. Com isso, “comentariozinho” se torna um indicador de subjetividade e fazendo com que ocorra o processo de exclusão de valor indireto da comunidade linguística.

A forma -inho é usada com aspecto pejorativo, pois a acentuação usada pelo professor nos faz pensar em duas hipóteses. A primeira, o trabalho dos estudantes e sua apresentação estavam medíocres e por isso não havia muito o que ser comentado e/ou criticado. A segunda, o professor não queria elaborar uma arguição muito longa, pois o tempo destinado para atividade era pouco e haviam outros grupos para se apresentar. Ao término o professor faz uso do adjetivo “legal” para classificar o trabalho dos estudantes. Em suma, tanto se partirmos da primeira ou da segunda hipótese o professor não cria um espaço profícuo para estabelecer relações interlocutivas entre os indivíduos e criar uma cena enunciativa.

CENA 2

TRANSCRIÇÃO – V2 – Maria - 00:00:00 – 00:35:00

((ruído))

Prof: É a PRIMEIRA apresentação que mostra os aspectos mais positivos do livro...

Achei bem interessante...

Maria: Não, mas...

Eu achei a intenção da leitura bem maçante pelo fato de que muitas pessoas me disseram...

Mas eu achava engraçados muitos trechos e tinha/tinha vários pontos filosóficos que eram muitos legais, por exemplo, um que ele disse que a mulher teve linfoma de () e uma hora ela está pegando fogo e o amor é tudo cinza... eu achei interessante por causa disso, mais por causa dessas passagens.

Prof: Tá legal... brigada.

ANÁLISE:

Analisando essa cena, na primeira frase é possível observar que o professor ao mesmo tempo que destaca o grupo (*eu*), também cria uma crítica a turma (*ele*). Em sequência, na segunda frase o professor elogia a apresentação e é interrompido por um dos integrantes.

Durante a observação dessa cena, é viável elaborar dois caminhos de pensamento: o

primeiro, é que ocorre um possível processo de exclusão por parte da estudante Maria (*eu*) em relação ao comentário do professor (*tu*) e com isso, não dando abertura para que ocorra uma relação interlocutivas entre os outros estudantes (*ele*).

O segundo, que o professor fornece um espaço para o estudante trazer à tona sua experiência de leitura e do processo de elaboração trabalho. Nessa análise fez-se necessário voltar ao vídeo original e aferir que na verdade ocorre o segundo pensamento supracitado, fazendo assim, com que o estudante se sinta parte da comunidade linguística classificando-se como inclusão de valor indireto. Na última linha, o professor faz uso do adjetivo “legal” para complementar/classificar o enunciado de Maria.

CENA 3

TRANSCRIÇÃO – V3 – Carolina - 00:00:00 – 00:59:00

((ruído))

Prof: Calma Carolina, pode ficar aí deixa a gente conversar aqui um pouquinho... A Carolina está louca para sentar.

a::, alguma pergunta para Luana gente?

a:: ...

a:, Tu já tinha lido esse livro antes?...

Tu tinha gostado dele? A:: questão do casamento, né, o casamen/ o casamento por interesse alé/ a:lém daquele personagem tem outro casamento por interesse o/...ou tem vários casamento por interesse ou só tem um? ...

Carolina: tem o da... Luizinha com o:: ... José Emanuel...

Prof: Sim...

Aluno: i

Prof: TODOS os casamentos do livro são por interesse também.

Aluno: Sim, é de costume da época acontecer isso a:: ...

Prof: O casamento por interesse é quase como se fosse casamento igual a interesse, todos os casamentos da época era assim...

Mais alguma pergunta? Obrigada Carolina.

ANÁLISE:

Na primeira frase ocorre uma interação direta professor(*eu*)/aluno(*tu*) quando o professor faz menção a uma integrante do grupo em específico. Em seguida, o professor(*eu*) cria um interação questionando a turma (*ele*) sobre um dos apresentadores (*tu*). Ninguém se pronuncia e o próprio

professor decide iniciar uma interação com a estudante, fazendo diversos questionamento e mostrando um esforço para exaltar o trabalho e a apresentação.

Nessa transcrição, a cena enunciativa fica centrada na interação entre professor e estudante, entretanto ao longo do diálogo e ao final o professor sempre tenta extrair maiores interações da turma para com o grupo. Ninguém se pronuncia novamente, e o professor termina com um agradecimento. Dessa forma, é possível observar um indicador de subjetividade de inclusão de valor direto como por exemplo, um agradecimento, e antes disso, o engajamento do professor em criar um processo de enunciação valoroso com o estudante, estabelecendo inclusive associações, e fazendo assim, com que a estudante permaneça incluída na comunidade linguística.

CENA 4

TRANSCRIÇÃO – V4 – Pedro - 00:00:00 – 00:22

((ruído))

Pedro: () Queria agradecer a atenção de vocês e desculpa qualquer coisa...

Risos

Prof: Alguma pergunta pro... o: Pedro...?

Pedro: A pergunta pode ser tua professora...

Risos

Prof: A:: a... Só um comentário... Pedro, tu já tinha lido outro livro dessa época?

Pedro: Não, não tinha lido

Prof: De/des/desse período: romantismo realismo:?

Pedro: Nã::o.

Prof: Gostou desse livro?

Pedro: Sim, gostei ba:stante

ANÁLISE:

Nessa cena, o professor em seu enunciado faz questionamentos ao estudante sobre sua apresentação e solicita que o estudante diga seus gostos em relação ao livro. Isso mostra uma preocupação com a subjetividade do estudante, pois o fato do professor levantar um questionamento para o estudante, faz com que o “tu” seja promovido e instigado, fazendo assim, com que os valores daquele estudante sejam incluídos de forma indireta diante da comunidade linguística.

Diferente das outras, nessa cena quem inicia a relação interlocutivas eu/ele é um dos integrantes do grupo (*eu*) agradecendo a turma incluindo o professor (*ele*) e pedindo desculpas para dar um ar satírico ao final da apresentação. Na terceira linha do trecho, o professor faz o movimento de retomar o papel de *eu* fazendo um questionamento para a turma (*ele*).

Na quinta linha, visto que ninguém da comunidade linguística deu início a nenhum tipo de interação, o professor faz três questionamentos a um integrante do grupo acerca de gostos pessoais de Pedro. Essa ação linguística de elencar esses questionamentos para o estudante, instiga o mesmo a refletir acerca do processo de aprendizagem e de seu respectivo desenvolvimento. De maneira resumida, o professor em seu enunciado faz questionamentos ao estudante sobre sua apresentação e solicita que o estudante diga seus gostos em relação ao livro. Mostrando assim, uma preocupação com a subjetividade do estudante e fazendo com que a relação interlocutivas *eu/tu* seja e instigada, classificando-se como inclusão de valor indireto diante da comunidade linguística.

Tabela 1 - Quadro comparativo entre formas de inclusão/exclusão e estudantes.

Formas de inclusão/exclusão				
Aluno	Ana	Carolina	Maria	Pedro
Exclusão de valor direto	-	-	-	-
Exclusão de valor indireto	x	-	-	-
Inclusão de valor indireto	-	-	x	x
Inclusão de valor direto	-	x	-	-
Indicadores – Forma	“-inho”	“obrigada”	“positivo”	“um”
Indicadores – Sentido	Uso de diminutivo.	Agradecimento e associações.	Elogio.	Quantificador e questionamento.

Fonte: Elaborado pelos autores .

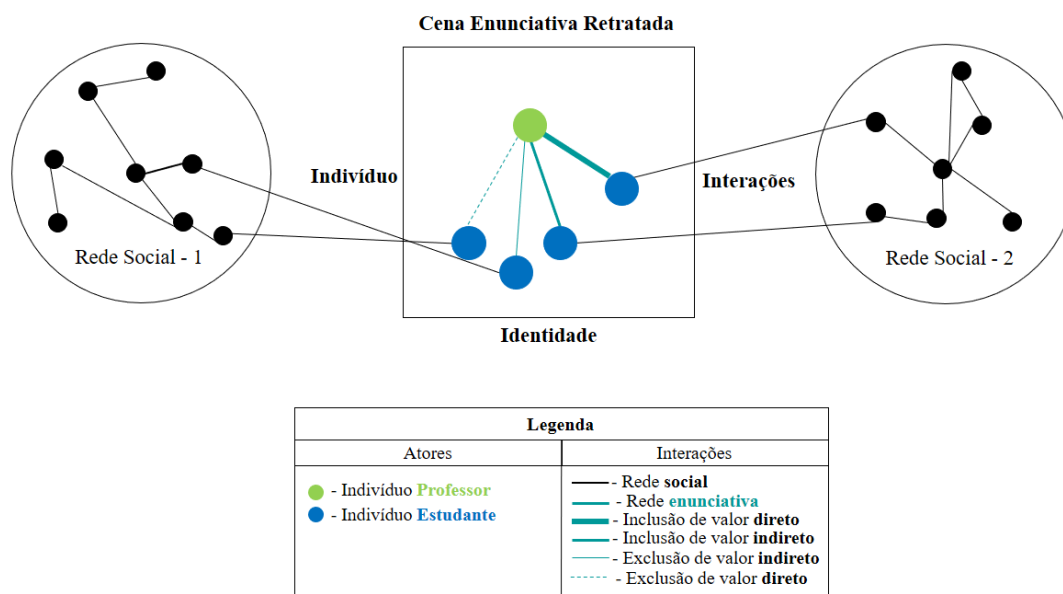
DISCUSSÃO

Nessa seção, é possível concluir que o modelo didático utilizado para trabalhar a exposição oral favorece a exclusão e não dialoga com a interpretação e a subjetividade, isto é, o aspecto interpessoal que o estudante supôs em sua arguição. A função do professor seria de mediador/avaliador, pois ao término de cada apresentação o mesmo deveria tecer um comentário com críticas e avaliar o processo de aprendizagem do estudante em relação ao gênero estudado. Entretanto, caberá ainda ao professor como mediador fazer com que o estudante possa ser incluindo

ou não na comunidade linguística, levando em consideração sua colocação após as apresentações dentro do processo de enunciação que está ocorrendo e fazendo assim, com que a língua se torne um mecanismo de inclusão/exclusão social dentro de sala de aula.

Por mais que a subjetividade do aluno esteja como algo a ser trabalhado no plano de ensino, levando em consideração a forma atual e o tempo, hora relógio que é destinado para a disciplina, não é possível trabalhar a intersubjetividade dos estudantes no Modelo didático proposto. Um dos principais objetivos desse modelo é pôr o estudante em primeiro plano e o professor em segundo, esse processo acontece somente durante a apresentação dos estudantes, pois quando a mesma termina, a comunidade linguística fica inquieta e espera uma resposta do professor que retoma (por alguns instantes) o lugar de avaliador. Desse modo, as ações linguísticas e a forma como o professor se posiciona em relação ao trabalho e ao estudante, serão fatores cruciais para a aferição e mantimento do estudante dentro da comunidade linguística e do processo de enunciação, fazendo assim com que a língua se torne um mecanismo de inclusão/exclusão social da/na comunidade linguística e o professor um ator de suma importância nesse espaço. Abaixo um esquema representando as interações da cena enunciativa que foram analisadas e categorizadas conforme a classificação proposta no presente artigo.

Figura 4 - Rede de enunciação hierárquica



Fonte: Elaborada dos autores (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na esteira dessas ideias, acreditamos que a leitura dos textos de Benveniste e os cenários registrados pela presente pesquisa representam reflexões a respeito de como a Teoria da Enunciação pode trazer um outro olhar para as noções de sociedade, comunidade e o espaço de sala de aula. Ademais, foi possível descrever alguns conceitos como pertença social, relações interlocutiva, rede de enunciação e classificar os níveis de inclusão e exclusão na cena rede de enunciação. As análises apresentadas são suficientes para aferir que, a partir do uso de indicadores de subjetividade, pode ocorrer inclusão ou exclusão em diversos níveis de uma comunidade linguística. Desse modo, nas cenas enunciativas analisadas, não foi criada uma rede enunciativa, levando em consideração o fato das interações e a noção de pertença social ocorrerem de forma hierárquica e partirem sempre do mesmo ator (professor).

Nesse viés, podemos concluir que esse espaço de enunciação retrata não uma rede enunciativa e sim um espaço baseado em sociedades antigas como a grega e a latina. Entretanto, essa realidade é anacrônica e não retrata a sociedade e seus espaços da atualidade, como por exemplo, a escola. Nesse cenário, há um olhar linguístico-enunciativo presente nos diversos espaços de enunciação da sociedade, como por exemplo, as salas de aula. Desejamos continuar o desenvolvimento da presente pesquisa com maior *corpus* e *cases*, instigar outras pesquisas que busquem associar as relações entre os sujeitos na sociedade e, que o presente estudo sirva como um incentivo para que os conceitos da Teoria da Enunciação estejam presentes no planejamento e na vivência do professor de língua em seu cotidiano profissional.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. Cidades e Comunidades In: __. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. Os quatro círculos da pertença social. In: __. **O vocabulário das instituições indo-europeias: vol. I. Economia, parentesco, sociedade**. Campinas, SP: Pontes, 1995, p. 291-316.
- _____. Dois modelos linguísticos da cidade. In: __. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2005, p. 278-279.
- _____. A forma e o sentido na linguagem. In: __. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2005, p. 220-242.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. **Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Metodológicos e Propostas de Ensino**. Domínios de Lingu@agem, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.

FLORES, V. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

GARCEZ, P.; BULLA, G.; LODER, L. **Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos**. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, V. 30, n. 2, p. 258 - 288, 2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445078307364908145> > Acesso em 03/08/2017.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MARRA, D.; MILANI, E. S. **O locus da língua: reflexões metateóricas acerca da noção de língua como um fato social em William Labov**. Vitória da Conquista, v. 12, n. 2 p. 51-71, 2014.

MARRA, Daniel. **Whitney, Saussure, Meillet e Labov: A língua como um fato social**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: < http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1905.pdf > Acesso em 03/07/2018.

MILROY, J; MILROY, L. **Linguistic change, social network and speaker innovation**. Journal of Linguistics. Grã-Bretanha. Vol. 21, No. 2 (Sep. 1985), pp. 339-384.

MILROY, Lesley. **Social Network**. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.), 2004 [2002]. p. 549-571.

SILVA, S.; MALCORRA, B. **Sociedade, sociedades: epistemologia para estabelecer princípios de uma teoria social da enunciação**. Revista (Con) Textos Linguísticos. Espírito Santo, v. 10, n. 17, 2016, p. 236-253.

SILVA, S. **O homem na língua: uma visão antropológica da enunciação para o ensino da escrita**. 2013. 222 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras – UFRGS – Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/90168> > Acesso em: 20/04/2017.

_____. **Estabelecendo parâmetros enunciativos para a avaliação de relatórios de estágio supervisionado em língua portuguesa**. Revista Raído. Grande Dourados, v. 8, n. 15, 2014, p. 175-190. Disponível em: < <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/2795> > Acesso em: 23/07/2017.